



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 30 de Maio de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 971 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI LISBOA!

Terminaram as Festas realizadas pela Casa do Gaiato de Lisboa. Solicitados de vários lados, e embora deixando aos rapazes a última palavra sobre o assunto, pensamos que a época do ano escolar, quanto mais não fôra, seria suficiente para resistir aos Amigos e fazê-los compreender a decisão. É que não somos paladinos, como infelizmente se vê, da ideia de que perder ou não um ano de estudos é indiferente na vida de uma pessoa e que, lá por este ou aquele ganhar muito dinheiro sem ter estudos de monta, possa justificar o mais pequeno descuido na valorização e na promoção dos Rapazes. Não podemos embarcar na mediocridade e a vida não se reduz, apenas, ao contrário do que alguns julgam, aos valores materiais.

As Festas foram um êxito, seja qual o prisma por que as possamos encarar. Primeiro que tudo pelos trabalhos preparatórios. A descoberta de qualidades; a afirmação de potencialidades, tantas vezes desconhecidas; o desenvolvimento da própria personalidade; os ensaios, com os seus trabalhos e canseiras; o desenvolvimento do sentido comunitário e o apelo ao brio e à perseverança são factores de enriquecimento ímpares, já constantes da vida das Casas. O lema «de, para e pelos Rapazes» tem aqui uma das suas expressões mais lídicas. Embora atentos nunca nos intrometemos em nada. As

honras, se há lugar a elas, pertencem inteiramente aos Rapazes, sobretudo, claro, aos mais velhos.

Em segundo lugar as Festas foram um êxito espectacular sob o ponto de vista social. Claro que, para tal, tiveram acção preponderante os nossos Amigos, a Família dos obreiros de fora, peças também essenciais da vida da Obra. Ao Monumental e ao Cine dos Bombeiros de Loures acorreram centenas, para não dizer milhares de pessoas, para viver em solidariedade e comungar com a família de dentro os mesmos sentimentos de alegria e de esperança, uma convivência fraterna, de todos enriquecedora. O carinho e a amizade presentes, o entusiasmo e o calor sentidos, a todos terão feito bem, jovens e adultos. Para nós, sobre quem recaem, naturalmente, as responsabilidades primeiras e o peso maior, é sempre ocasião de nos revigorarmos na determinação de servir, não só pela grandeza da missão que livremente aceitamos e nos foi cometida, mas também por constatarmos a força e a grandeza da recta-guarda, comprometida e interessada. Para este sucesso, claro está, terão contribuído também o porte e a dignidade dos Rapazes, demonstrativos de valores que importa sublinhar a todos os títulos.

A hora do espectáculo em Lisboa não é propícia para grandes confraternizações, que o

tempo é escasso e a vida das pessoas não o permite. Nas capas, na boca do palco ou entregues de mão própria chegaram-nos, porém, como sempre, iguarias ou guloseimas mais variadas. Em Loures, todavia, com festa à tarde, e como no ano anterior, a todos foi oferecida uma merenda-jantar excedendo todas as expectativas. Apraz-nos registar o facto e assinalar com alegria que a Casa do Gaiato já não é desconhecida na região saloia, contando nela, graças a Deus, já, com muitos e bons Amigos.

As Festas foram também um êxito material. Casas esgotadas e capas ou entregas pessoais para tal contribuíram. Consideramos, todavia, isso como ressonância do que atrás assinalamos. Mais importa registar, por exemplo, o sacrifício de muitos que vieram de longe para estarem presentes e até a atitude de alguns, que doentes e de cama, se não eximiram a levantar-se para estarem connosco. Deus seja louvado!

● Ao findar este «Aqui Lisboa», em palavras simples e sentidas, não queremos deixar de assinalar quanto nos entristeceu o atentado de que foi vítima João Paulo II. É que sendo nós, como Pai Américo, da Igreja, do Papa e dos Bispos, não podemos esquecer os laços que nos unem à Igreja e aos sucessores dos Apóstolos. Que Deus perdoe a quem não sabe o que faz...

Padre Luiz

PARTILHANDO

Há dias levámos o «Bombeiro» ao pediatra, a Paredes, para ser consultado. Foi observado dos pés à cabeça, com calma e atenção! Houve diálogo amigo em toda a consulta. Houve a quebra da frieza da doença e a aproximação entre o pequeno doente e o médico.

O pequenito está mesmo doente. Tem uma anemia. A cara sempre pálida e arrepiada e o cabelo no ar indicavam doença. Em pequenino, a mãe dava-lhe vinho em vez de água, aguardente em vez de leite, fome em vez de pão... E, agora, quando o vem ver, é que nota a palidez e a magreza... Pobre mãe que não pode nem deve ter o filho ao pé de si! Nada os devia separar e tudo os separa...

Depois da consulta, o médico pergunta-nos se as análises que o «Bombeiro» tinha que fazer eram pagas por nós. Dissemos que sim.

Ele pede-nos desculpa, mete a mão ao bolso, puxa por uma nota grande e diz:

— Se pagam, não deviam pagar. Desta vez, sou eu quem paga as análises.

Um grito de alguém que, no

exercício pleno da sua missão de médico, tem ainda disponibilidade bastante para ir mais além do que o seu dever profissional exigia, compreendendo o que somos: Uma grande família feita pelo desfasamento das pequenas famílias. Fazer a família com aqueles que a não têm é nossa missão. E desde o sangue quente da nossa carne até ao espírito gelado das leis vai um caminho apertado até chegar à família que somos a partir das situações mais diversas do mundo. E daqui sairá o Homem que sonhamos ver em cada rapaz. É o fim da nossa Obra.

Aquele médico não agradecemos tanto a nota material em si, mas toda a intenção, a disponibilidade e compreensão postas naquele gesto cheio de alma!

O dar supõe uma tomada de posição, um comprometimento e até um receber...

O «Bombeiro» continua em tratamento e com ricas dietas feitas por uma das senhoras, mas a palidez daquele rosto é retrato fiel da família que não teve.

Padre Moura

assinante que mora mesmo em frente, e há muito tempo, é «desconhecida». Não sabemos se se trata de má vontade, se de um grande plano de pedagogia toponímica a inculcar à população custe o que custar.

Quatro almas generosas da terra, que prometeram agregar a si outras de boa-vontade,

Não é a paixão dos grandes números que nos consome. É o desejo da revolução interior que o jornalzinho pode fazer nas almas e, pelo sopro do Espírito, sempre tem feito e faz. Com tal intenção é ele escrito, só Deus sabe com que dores de parto; é ele composto e impresso e distribuído. O Mestre veio



Emanuel — do Tojal — dorme aconchegado nos seus brinquedos.

O nosso Jornal

● Enquanto os nossos vendedores de 6.ª feira visitavam os seus fregueses, andei eu e o Nera pelos Carvalhos tentando acertar endereços de uma boa trintena de novos assinantes que os Serviços locais dos CTT «desconhecem».

Ruas que ainda não têm nome ou o tiveram muito recentemente; números de polícia da mesma sorte... Na própria rua onde é a estação dos Correios não há números... Pois uma

fizeram o favor de nos receber e ajudar. Regressámos já com mais alguma luz. Vamos a ver...

● Em nossa pregação de O GAIATO procuramos sempre ressaltar a liberdade das pessoas. Só uma motivação: desejar conhecê-lo; só um compromisso: lê-lo. Que ninguém peça, pois, a assinatura a pretexto de ajudar a Obra ou porque, na ocasião, «Maria vai com as outras».

trazer o fogo à terra e não quer senão que ele se ateie. Que outra coisa há-de querer o discípulo?

Por isso nós ambicionamos que a cada jornal corresponda, ao menos, um leitor. E quem dera que em cada lar onde ele entra, acontecesse como em muitos: uma pacífica disputa entre quem lá mora, todos apressados em lê-lo!

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Madre Tereza, de Calcutá — galardoada Prémio Nobel da Paz em 1978 — deslocou-se, recentemente, ao Japão, a convite da Associação Nipónica para a Vida Familiar, organização particular dedicada ao estudo dos problemas da Família.

Na cidade de Tóquio, durante um colóquio em que interveio, sob a égide das Nações Unidas, Madre Tereza fez um veemente apelo à comunidade internacional em favor do desarmamento e da paz à escala mundial, convidando todos os países a fazerem um esforço no sentido de mobilizarem os fundos que gastam em despesas militares para aplicação em fins úteis.

Ora, como ela sente na sua carne o terrível drama e angústia dos Oprimidos, concretizou a proposta: «Dêem-me esse dinheiro, que eu o aplicarei no auxílio aos necessitados».

O apelo da Recoveira dos Pobres — cimentado no Evangelho — precisa ser ouvido pelos homens mais responsáveis do Planeta. Ou será que a triste verdade — dois terços da Humanidade vegetando no mundo da fome — custa a entrar pelos olhos dentro?!

● Aquela mãe solteira, que espera deferimento ao abono de família do filho, aparece com mais um ofício do Centro de Segurança Social afirmando que a ficha do beneficiário regista a anotação de que o dito «já está (estaria...) a ser pago» a ela por outro Centro.

Com estes dados, e como hipótese para imediata solução do problema, recomendamos à pobre mulher fosse pessoalmente à cidade, com uma carta na mão endereçada ao Centro indicado, sublinhando o desfasamento — a ver se poupamos tempo e fazem justiça.

Deram com o gato, finalmente: pai e mãe são beneficiários; ele no activo, ela no passivo...

Quando surgem problemas desta espécie, lembramos um belo trecho de Pai Américo — inserido numa das suas obras — fazendo o relato do caso de um companheiro de trabalho no Chinde (Moçambique), o qual, nos princípios do século, tivera um deslize..., em Inglaterra; e, por isso, a empresa lhe descontava, todos os meses, por força da lei, uma verba no vencimento para subsistência da mãe solteira e do filho (de ambos).

Em Portugal, a mãe solteira só recebe o abono de família e não nos consta que se especifiquem outras obrigações materiais ao pai solteiro. A lei obriga, sim, a penfilar a criança — depois de Pai Américo haver gasto muita tinta...!

— O meu filho foi registado em nome do pai porque o Registo Civil comunicou o Tribunal...

— E mais nada...?

— Ele não dá nada ao filho...!

Enquanto a Inglaterra impõe, há muito tempo, obrigações concretas ao pai solteiro — repetimos — mesmo que labute na Conchinchina, em Portugal, no fim do século XX, a mãe solteira apenas tem direito ao

miserável abono de família!

Assim continuamos a perder o comboio da Europa...

PARTEILHA — Margarida e Mimosa, do Porto, 500\$00 «com votos de santa Páscoa». Agradecemos e retribuimos. «Uma portuense qualquer», muito persistente, envia «a migalhinha relativa a Março, acrescida de igual importância para um pacote de amêndoas» — 500\$00. Sobras de Armamar «por alma de meus Pais». Senhora da Hora, 250\$00. Rua da Lapa (Lisboa), 1.500\$00 «que juntei mais ou menos de gorjetas do soró». Quitéria, de Lisboa, 100\$00. Futuramente, sempre que se lembrar dos Pobres, especifique o destino: Conferência. Assim, não haverá trocas.

Por alma do pai de um bom Amigo e vizinho, 620\$00. Assinante 32797, 500\$00. Contributo de «um pecador», assinante 1174. Paço de Arcos, partilha do vencimento mensal: 3.000\$00. Há quanto tempo sem o mínimo desânimo! Graças a Deus.

Mais 200\$00 da Rua da Lapa, Lisboa. Cheque do Fundão «com o pedido de uma oração por alma de um irmão». Gondomar:

«Para que não cheguemos um dia à presença de Deus com as mãos vazias, cá está a nossa pequena partilha para ajudar a suprir as mil carências dos vossos e nossos Irmãos pobres.

A vós e a eles pedimos com amor orações por um jovem da nossa família que se encontra em perigo de saúde.

Que a Paz de Cristo seja sempre

com todos nesta Páscoa e em todos os dias da vossa vida.

Eu-e-Ela»

Porto, assinante 31032, dois mil. Ainda do Porto, 200\$00 da Rua da Baça. Oferta de assinante da Rua Clemente Menéres, Porto. Mais 100\$00 da Invicta, pela mão do assinante 1295.

Manuel, de Braga, contributo para a «esposa sem marido» que precisa de moradia. Comerciante, muito amigo, de Penafiel, 2.000\$00 com a mesma intenção. Anónimo, do Porto, 500\$00 — por sinal também é vicentino. Na mesma linha, vultoso donativo de «Uma mãe agradecida», da cidade Invicta:

«Que Deus proteja quem tem a iniciativa e coragem de ajudar essa pobre mulher com um bando de filhos e não tem onde se abrigar.

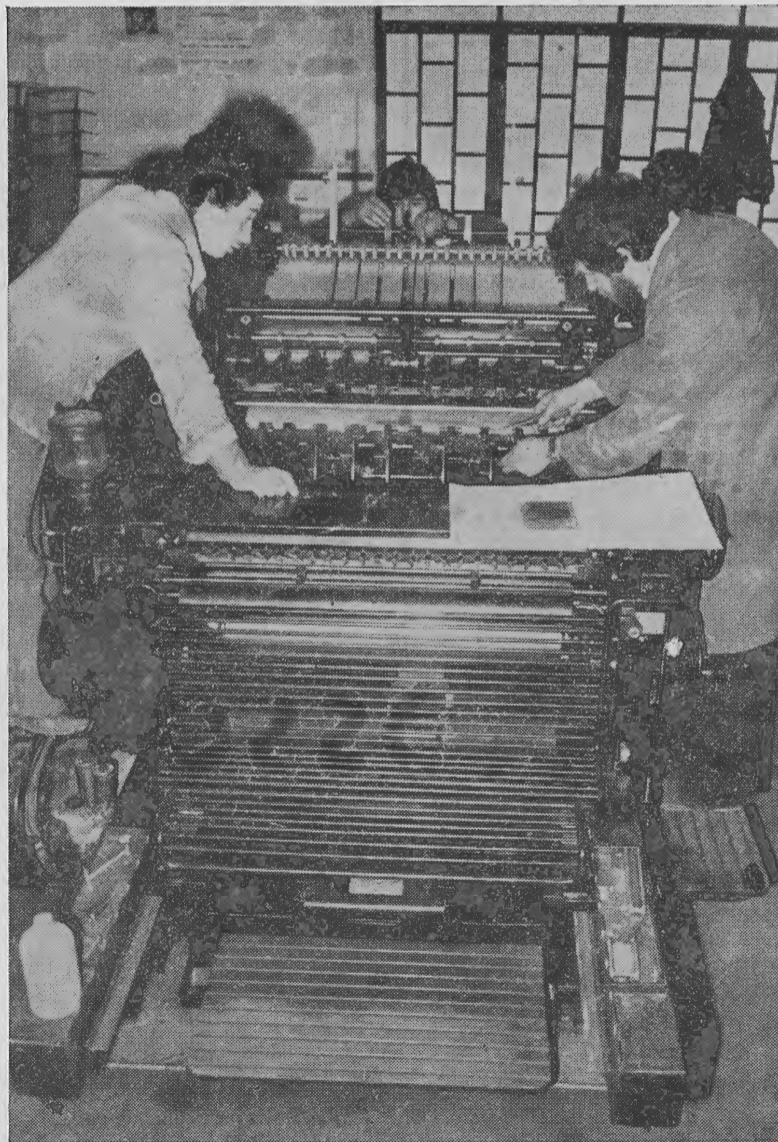
Como a minha maior preocupação e ambição (graças a Deus já realizada) foi dar um tecto a cada um dos três filhos que tenho, não posso deixar de ajudar.

Que Deus abençoe a minha, também.»

Júlio Mendes

Paço de Sousa

OBRAS — Vão continuando as obras na casa 3, cujo 1.º andar está quase pronto. Só o rés-do-chão está um pouco atrasado, devido aos nossos trolhas serem poucos.



Na máquina de impressão, os olhos de Rafael e as mãos de Costa seguem as pistas de Quim Oliveira — irmão mais velho e responsável pela formação profissional.

Vieram há dias uns empreiteiros para acabarmos a casa até ao aniversário da morte de Pai Américo.

O andar de cima é um regalo; e, ao que parece, por baixo vai ficar óptimo!

Vamos a ver.

SERRALHARIA — No passado dia 4 do mês corrente, começou o curso de serralheiro, com a frequência de muitos rapazes.

Também dois serralheiros foram para o Porto tirar o curso de soldadores.

O Serviço Nacional de Emprego equipou a nossa serralharia com máquinas mais modernas do que as nossas, as quais servirão para outros aprendizes. Os serralheiros obtiveram, também, fatos-macacos, toalhas, pastas de desenho e tudo o necessário, oferecidos pelo S. N. E.

Os serralheiros andam contentes com mais este passo no trabalho, na sua formação profissional. Que tudo corra bem, para serem bons serralheiros.

PISCINA — A água da nossa piscina encontrava-se turva. Por isso, tivemos que a mudar para os banhos começarem. Mas o tempo encontra-se tão mau e, além disso, é preciso desinfectar a água. Quando o tempo estiver mais calorento, talvez possamos dar uns bons mergulhos.

Que venha o Verão!

LAVOURA — Aqui, em nossa Casa, a geada pouco queimou. Tivemos sorte!

As batatas estão a começar a dar flor e já as vamos sachar. Estão bonitas!

Agora, começa a lavra dos campos para o milho, embora já dois campos estejam semeados.

O Serafim lá anda a tratar os campos.

Este ano o vinho está a nascer bem. E, voltando às batatas, vamos ver se a geada e o mau tempo não deterioram as sementeiras e o vinho...

«Salsichas»

BEIBE

PAVILHÃO — Amigos leitores, mais uma vez eu escrevo para o famoso jornal O GAIATO. Começo a falar então pelas obras. Nós cá vamos ter um pavilhão de desportos que, graças a Deus, está quase pronto. Já vieram os pilares e vigas. Os pilares medem cinco metros de altura. Tudo isto foi montado com um guindaste para levantar pilares e vigas. Também já tem o telhado e as paredes estão quase prontas.

Quando o pavilhão estiver em funcionamento, nós daremos mais notícias.

VAGARIA — Nós cá temos muito gado, perto de 44 cabeças.

As nossas vacas vão tendo crias. Só este ano já tiveram quatro: uma em Fevereiro, duas em Abril e uma em Maio. Quanto ao leite, uma delas já chegou a dar 30 litros por dia: 20 de manhã e 10 de tarde. O leite vai para o Porto e levam cerca de 190 litros por dia.

OFICINAS — Nós temos carpintaria, mas vamos ter também uma serralharia que está quase pronta; é só esperar pelas máquinas e ferramentas, mas algumas já nós cá temos.

O trabalho de serralheiro vai passar pela mão de todos nós, rapazes, menos os mais novos, claro. Nós somos poucos, apenas 21.

PASSEIO — Fomos até Paço de Sousa disputar um desafio de futebol e ganhámos à equipa da casa por 4 bolas a 3. No fim do encontro tivemos outro: Juntámo-nos na Capela em festa e oração. Depois da Missa, seguiu-se outro encontro, este diferente, no nosso refeitório onde comemos o nosso pão de cada dia de trabalho. A seguir ao almoço demos uma volta pela quinta e do que eu gostei mais foi da piscina. Que pena não podermos tomar banho!

Ficámos lá até às quatro horas da tarde e, por fim, viemos por causa dos vaqueiros que tinham de tirar o leite e dar ração às vacas.

Aos nossos rapazes da Comunidade de Paço de Sousa aqui deixamos o nosso agradecimento.

«Palhaço»

Setúbal

FESTAS — Apesar do reboliço que causam, são necessárias.

«São eles que as pedem. Amigos de fora que as exigem.

Mas do esforço e do sacrifício dos «artistas» e ensaiadores, só Deus sabe dizer: recreios perdidos, serões prolongados, não sei quantas dorés de cabeça! E nos dias seguintes, a vida da Casa continua: as obrigações, a labuta do campo, oficinas, aulas que se não podem perder.

Moreira e mulher, mais uma vez, estiveram de mangas arregaçadas.

Júlio Taia e Tónio Henrique quiseram colaborar também; não falando do Américo Correia. Da música, nem sabemos que dizer do senhor Jota, sempre disponível.

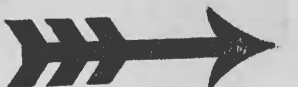
Tudo por via de fazer de cada rapaz um homem.

«E há muita gente que ainda não deu fé disto! Os nossos que já saíram e agora vêm, dão testemunho aos irmãos mais novos. À hora que escrevo já actuámos no Luísa Tody e na Quinta do Anjo. Estive nas plateias e vi corações a arder, lágrimas a escorrer e palmas, muitas palmas, um vibrar de entusiasmo; e comunicação, a recompensa que os nossos Amigos distribuem à Obra da Rua.

Pai Américo tem razão em dizer que «nós somos uma palavra nova». Já lá vão tantos anos e continua a ser uma novidade.

O rapaz da rua, antes lixo repelente, hoje mensageiro duma paz e alegria que a sociedade rejeita e deita fora por egoísmo numa ânsia constante de impor ideias.

Tantos que vieram como «coitadinhos» são hoje pedrês de segurança



AGORA

Já não me lembro da saída da **procissão**. Mas, se o não fez já, não tardará muito para um ano.

A verdade é que ela tem andado um nadinha esquecida da maioria dos Leitores. Será a nossa ausência causa ou efeito deste esquecimento? Vamos não «sacudir a água do capote» e assumi-la como causa, pois que falando, mesmo sem grande correspondência, não se deixará morrer o interesse por um acto de tanta projecção social, como é o de auxiliar uma Família — uma só que fosse! — a resolver o seu problema de habitação.

Pois apesar da seca — esta de que me queixo! — com as presenças que vão desfilar e com os «desvios» que fomos canalizando, sempre que possível, o pequenino agueiro foi

respondendo às sedes que lhe apareceram; e assim, no ano de 1980, saíram para 59 Paróquias da nossa terra à beirinha de mil contos, que não são nada, mas deram a mão a um número maior de Famílias empenhadas na construção da sua casinha e já com ela em fase de acabamento quando os respectivos Párocos chamaram por nós. Ao longo dos dias a gente nem dá fé, louvado seja Deus!

Grande parte destes fundos provém daquela santa teimosia que desde há muitos anos anima gente incansável que, gota a gota, vai alimentando a fonte. São os **Pessoais**: O da ex-HICA, que me parece ter-se deixado dissolver em parte no grande mar da EDP, em vez de ter contaminado outros da sua própria inquietude.

Desde Setembro/80 juntaram quase 5 contos. Onde vai aquela dúzia deles, ou mais, que semestralmente reuniam e a Administração da HICA cobria com outro tanto! Em cada ano, fora os extraordinários, somavam, Empresa e Pessoal, mais de meia centena, quando isso ainda era dinheiro! Ainda assim é uma presença que persiste e louvor àqueles que perseveraram!

O Pessoal da Caixa Têxtil conserva-se mais fiel. Desde Agosto/80 a Março/81, trouxe-nos 21.470\$ no que se inclui uma parcela mais gorda a comemorar as «bodas de prata» das presenças mensais, «o que constituiu para nós uma surpresa muito agradável».

Com menos regularidade, aparece o Pessoal da Caixa do Comércio. Em Novembro/80 fê-lo com 1.158\$80... e não se viu mais.

Também os Funcionários do Banco do Brasil, no Porto, deram um ar da sua graça na última Páscoa com «este pequeno ovo» (2.000\$) e o voto de que «a chama da Fraternidade e Amor ao Próximo dessa Casa, se mantenha cada vez mais viva e toque todos nós». Assim seja.

Depois, outra nascente certa a alimentar o fio de água, é constituída pelos **de todos os meses**. É a Maria da Praça de Alvalade, em Lisboa; é o J. P. R., do Porto. É o casal M. M. A. L., também do Porto. É a Odete, de Oliveira do Hospital. É a Hilda, de Lisboa. A Alice, de Gaia. A inquieta Glória, de Viseu. A «Cruz da Beira», agora retornada Fernanda da Figueira da Foz. É a Lúcia, do Porto. E a Maria Augusta, dos arredores. E uma firma também desta cidade Invicta, sita na Rua do Almada.

Do Busto-mealheiro de Pai Américo, à entrada do Sá da Bandeira, por quatro vezes, quantias que somaram 49.332\$50.

Aquele envelope de letra trémula que tantas vezes temos encontrado no Espelho da Moda ou na caixa do correio do Lar, com a legenda «Casa Seja Louvado N. S. Jesus Cristo», trazia desta vez 30 contos.

Mais belezas:

«Incluo cheque de 1.500\$ por indicação de uma velha Criada que pretende não seja acusada recepção nem dada qualquer publicidade.» A ela quem na pode dar? Ao gesto quem pode resistir?

«Como recebi agora os primeiros juros de obrigações nacionalizadas, resolvi enviá-los para ajudar a reparação de alguma casinha muito carecida de obras.»

«No dia 1 não posso ir ao Teatro em Espinho. Para a idade de minha mulher e a

minha, é difícil perder uma noite. Aqui o dinheiro que tivéssemos gasto para dois bilhetes» — Alguém deitou nas capas, em fim da Festa.

Quanto e quantas outras belezas caíram nas capas das Festas não posso ainda dizê-lo desta vez. Mas tudo se destina a engrossar o fiozinho de água.

Esta carta:

«Durante muitos anos sentimos a cruz de necessidades quotidianas e houve alguém que ajudou a torná-la menos pesada.

Hoje, essa necessidade material — que não a cruz que continua bem pesada! — atenuou-se, e cabe-nos a vez de ajudar alguém mais necessitado.

Esta obrigação evangélica não é descoberta minha, deste ou daquele, mas foi-nos ensinada — e imposta! — há dois mil anos por Cristo, o Pobre dos pobres, que por Amor tanto teve para dar.

Combatendo o «medo» da tarefa a que pensei meter ombros (tantas vezes acalentada e tantas vezes posta de parte, por demasiado difícil!), aqui vai a primeira pedra para a construção de uma casa do Património. Terei possibilidade de acabá-la? Só Deus sabe! Mas nada deve ser suficiente para obstar a que se tente alguma coisa a favor dos irmãos sem lar. Não foi, aliás, esse exemplo que nos deu Pai Américo, começando do nada uma Obra tão rica, que já não se confina ao Rapaz abandonado, mas se estende até aos Doentes rejeitados, ao Património dos Pobres, à Auto-construção, à Conferência de S. Vicente de Paulo?

A «casa» poder-se-á chamar, «temporariamente», «Casa de Deus conosco», para efeitos de orientação nossa quanto às verbas a enviar e recebidas.

Depois, terá o nome que os

seus legítimos proprietários lhe quiserem dar, pois não me parece certo impor o meu gosto, pelo facto de contribuir para a sua edificação.

Comungando assim mais intimamente nas vossas dores, que fazem parte da «Dor Universal» peço a Deus nos dê a todos a coragem perseverante e a confiança cristã para continuarmos através dos séculos a vivência das Bem-Aventuranças.»

Trazia um cheque de 25 contos.

De Ponte de Sor, 500\$. O dobro, de anónimo, no Espelho da Moda; e aqui, também, dez vezes mais de Margarida. Outros dez mil de Mafalda, vindos do Tojal. Dois mil de S. Martinho do Porto. Igual quantia através do jornal «A Ordem». E outro tanto de um António, de Ilhavo. Seiscentos de Santo António dos Cavaleiros. 250\$ para uma telha. E o mesmo, de Lisboa. Mil, de Etelevina Maria. Igual quantia de Carmen. O triplo de Matosinhos. 2.000\$ mais 1.000\$ da R. Conde de Almoester. 4.000\$ da R. dos Lusíadas, em Lisboa. De Vila Moreira, 1.600\$. 500\$ de M. M., «com amizade fraternal pela Obra e por todos os que nela se doam, dia-a-dia».

Agora seria a vez de várias cartas que não me atrevo a silenciar, e já não podem ir nesta local que vai longa. Irão numa próxima.

Termino, pois, com o gesto de um jovem e querido Sacerdote que entrega 12.485\$ — «ofertas, obradários por alma de meu Pai, para que o lembrem nas vossas orações. E um obrigado sincero do vosso sempre amigo».

Um igual obrigado nosso para ele e para quantos passaram nesta coluna.

Padre Carlos

duma Obra que lhes pertence e de que bem merecem ser filhos.

«Eu tinha muito mais que dizer, mas não sou capaz!»

Já o mesmo não acontece a todos os que saborearam e comungaram da actuação dos nossos «artistas».

S. O. S. — D. Maria Odília foi embora. Há dez anos que tinha saído de carmelita para vir ser mãe em nossa Casa.

Voltou para o Carmelo e deixa um vazio muito grande! Os nossos «Batatinhas» é que sentem mais esse vazio, que entra também dentro de nós...

Os mais pequeninos exigem que venha alguém ocupar o lugar vago.

Deus sabe melhor do que nós, mas a Igreja de hoje não pode fechar-se, enquanto muitos Cristos andam ao deus dará.

Precisamos duma mãe e pronto. O resto pensa tu.

É contigo.

Ernesto Pinto

Calvário

VALENTIM — Quem teve enjeito de o ver, quando trazido por pessoas que o queriam ver melhor acompanhado que não por vacas, ovelhas e cabras pelos montes; e em circunstâncias de higiene e habitação que não tinha; lembro, já lá vão alguns anos, aqui escrevi sobre ele umas linhas como era o seu comportamento.

Para ele era totalmente desconhecida a função do WC... Mas, com o decorrer dos anos, já compreende bem que é necessário lavar-se e andar bem parecido. Até exige que as costuras do casaco estejam sem fios quebrados. Com sorriso permanente nem por isso admite «brincadeiras» de toda a gente. Tem uma aspiração: veio para aqui cumprir o «tempo de tropa»! E quando o

acabar... vai-se casar com uma prima!...

Talvez seja por isso que ele não quer vender uma parcela de terreno que tem na terra aonde vivia, apesar do interesse manifestado por pessoas interessadas na compra!

Pois é verdade; uma coisa é certa: É muito caprichoso nisso e, na forma como pretende caminhar, seja nos arruamentos ou na rampa de acesso aos pavilhões aonde vai ajudar às refeições dos que não têm capacidade física ou mental, como ele vai tendo. O traçado dele é que determina por onde irá passar.

Há dias «zangou-se» só por que um grupo de doentes estava precisamente no caminho por onde de certo pensava ir. E tinha espaço mais que suficiente para passar adiante! Tem muito jeito para cortar mato. E, quando é necessário, lá vai ele nem que seja com enxada de poder de corte de poucos centímetros. Mas... já tem acontecido que os pinheiros mais novos «levam» tanta volta e pancada na raiz que o remédio é ficarem estendidos! — «Não prestam para crescer pois estão secos na ponta!»

Não é bem assim mas apenas porque ligeiramente curvados.

Outros aspectos teríamos a contar. Apenas mais este: Num domingo estava na rampa, de pé, como normalmente é seu costume. Nesse momento um grupo que nos visitava passou por ele. Verifiquei que uma senhora estava a fechar uma malinha de mão. Mas não liguei importância. A poucos metros estava o leproso: «Não humilhes o doente com a tua esmola». Isto passou-se. Ao outro dia alguém «entra» com ele, sabendo que não tem o costume (que tinha antes de vir para aqui) de pedir esmola. Recebeu uma nota de 20\$00 e acrescentou: «Pensas que me levam com dinheiro... Era tão velha a nota que eu fui pô-la na niteira!»

«Pobrete mas alegrate» — como tantos outros — o Valentim!

Manuel Simões

O nosso Jornal

Cont. da 1.ª página

Por isso tendemos a substituir a venda avulso pela assinatura, sobretudo aquele tipo de venda em que o jornal pode ser comprado sem outro interesse que não seja o de despachar o rapaz que o propõe. Já a venda em Empresas, em Repartições... em lugares certos e abrigados, onde o pequeno vendedor faz amizade e conta Amigos, é, sim, o mais caloroso e vivo modo de fazer chegar o jornal à mão dos seus leitores. Mas como é possível, se o sábado é um dia morto e nos outros da semana, os rapazes têm as suas obriga-

ções escolares que os impedem?

Quanta dificuldade experimentamos para constituir o pequenino elenco responsável pela venda de 6.ª feira, no tornar das limitações que a Escola põe e a capacidade dos seleccionáveis.

Por isso andamos e, enquanto pudermos, continuaremos por aí como «incendiários» de Amor e da Paz que Cristo trouxe e não é nada da espécie que o Mundo concebe.

O GAIATO é rastilho, é mecha que pega o lume. Felizes os que se deixam queimar!

Padre Carlos

Deficientes

Estação de caminho de ferro. O comboio não demoraria a entrar nas agulhas. Servido de bilhete, cheiramos a porta da gare e topamos o nosso Deficiente, promovido socialmente. Foi cadeira motorizada. Foi vultoso investimento em cautelas e respectiva inscrição em distribuidor de lotaria.

Quando nos vê, o homem todo ele ri. A mulher, jovem também, é grande apoio do marido.

— Se tenho d'ir à cidade, ela vem comigo. Ajuda...

Subir e descer o comboio, caminhar pela rua. — Ela ajuda-me...

Viagem consoladora. Quase nos esquecemos dos passageiros!

— Não. O Tribunal ainda não decidiu a indemnização. São coisas demoradas...!

A Justiça deveria ser pronta e eficaz; mas, quando bole em indemnizações... é xadrez complicado!

— Só lamento uma coisa: quando estive no hospital, o autor do acidente não me ter visitado...

Deixámos o nosso Amigo abrir a alma, o coração. Procurámos escutar. Terapêutica necessária, como o pão para a boca, em todos quantos precisam de apoio, de conforto.

— Agora, sou outro homem! Não tenha dúvida. Já lho disse. Eu estava a definhando. Aquilo... era uma doença! Só podia sair em automóvel. E sem ganhos. Só a vossa ajuda. Mas veio o carro, a lotaria... Mudei de vida. Sou outro homem!

A esposa, discreta, comedida, revela satisfação — sem dar palavra.

— O jogo já não me chega. Despacho as cautelas num repente. Estou a ver s'arranjo mais pró Verão. E farei umas cobranças. Já dei uma volta pelo giro e não é difícil. No dia em que lá for, toda a gente avisada, é sempre a aviar... Eu e minha mulher temos de dar graças a Deus.

A conversa — como as cerejas — desliza para outro rumo: a moradia do casal.

— Logo que o Tribunal decida, grande parte do dinheiro será para acabar a nossa casa. É o nosso sonho...

Revelamos, entretanto, o caso concreto de um nosso com-

patriota, em França, vítima de acidente, que fez uma reconversão profissional, o Estado investiu o necessário e, hoje, é cidadão de corpo inteiro. Os olhos e os ouvidos do Deficiente estalam de curiosidade!

Se fosse noutra País, virado às carências do Deficiente, o nosso Amigo após a recuperação — se quisesse — teria logo feito a reabilitação profissional pelas vias competentes. Mas não. Houve que suprir a omissão!

Um Deficiente reabilitado — que reconheça as faculdades e/ou potencialidades que Deus revela aos mais fracos na hora própria — resiste plenamente à mudança. Quer ir mais além!

— Se houvesse por aí uma escola onde aprendesse uma profissão, cons'ante o q'a gente possa fazer... e o mais...!

— Mas isso é p'ra depois, q'ando o Tribunal resolver a questão. Se for possível... Agora, no carro, lotaria e co-brança, mais o trabalho da mulher dão bem pró caldo. Graças a Deus.

O tranvia chega à cidade. Ele apoia-se em mim e na esposa. Desce à gare. Pega nas muletas e segue vagarosamente entre a multidão, sem precisar de mendigar...

— Agora, o meu trabalho e o da mulher dão bem pró caldo.

Seguimos à vida. Mas, no escaparate, seduz-nos o título num matutino: «Pensões por invalidez e reabilitação profissional». Cheiramos. Temos obrigação moral de saber novidades — em proveito dos Pobres. E citamos:

«Um diploma do Ministério do Trabalho e dos Assuntos Sociais (publicado no «Diário da República» de 8 de Maio), veio determinar a criação de uma Comissão interdepartamental permanente, constituída por representantes de cinco entidades oficiais, para a conveniente articulação entre os serviços de pensões de invalidez e os de reabilitação profissional.

São objectivos da referida comissão:

a) — Apoiar os estudos tendentes à reformulação, no âmbito

da segurança social, do conceito legal de invalidez e do regime de concessão das respectivas pensões, tendo em vista a motivação dos interessados e as necessidades sociais no domínio da reabilitação profissional;

b) — Contribuir para o estudo das formas mais adequadas nos planos social e legislativo, de verificação da invalidez profissional, no âmbito da segurança social;

c) — Estudar e promover a adopção de medidas de âmbito legislativo e regulamentar consideradas adequadas a uma eficaz articulação dos sistemas de segurança social de invalidez com os de reabilitação profissional e emprego de deficientes;

d) — Promover a realização, pelos serviços competentes, de experiências-piloto de reintegração profissional de inválidos e deficientes, propondo metodologias e acompanhando a sua execução;

e) — Proceder à análise e apreciação crítica do funcionamento e resultados das experiências-piloto, propondo o progressivo alargamento do sistema, de acordo com as reais possibilidades e capacidades dos serviços e estabelecimentos envolvidos;

f) — Apoiar a realização, ao nível regional, de modalidades de cooperação permanente entre os centros regionais de segurança social, os serviços de saúde e os serviços de emprego e formação profissional.»

Como somos um País em que os planos — às vezes — servem para deleite intelectual de intelectuais, a achega que aí vai, de fonte oficial, não se perca em questiúnculas coloridas... ou optimizações para inglês ver. É matéria de interesse nacional. E internacional. Que o Homem, imagem de Deus, neste caso o Deficiente, necessita de promoção social — de Justiça social.

São milhares os Deficientes em todo o País. Mas, com receio dos números?, até se fez caso omisso deles no último censo!

À nível mundial — segundo a OIT — são 450 milhões. Mais do que a população africana ou a soma dos habitantes de duas superpotências!

Esperamos que os técnicos, debruçados na técnica, não se percam em floridos tecnicistas. O mundo — cá e lá — tem muitos exemplos concretos de recuperação ou reintegração do Deficiente. Há só que adaptar experiências válidas ao País que somos... e fazer contas. Ao fim e ao cabo, quantos beneficiários de miseráveis pensões seriam convertidos e promovidos, pela sua força de trabalho, em fomentadores de riqueza para a Nação!

Júlio Mendes

NOTAS DA QUINZENA

1 Terminaram as nossas Festas. Se com elas levámos aos nossos amigos um pouco de alegria, valeu a pena. Mas, não só.

Elas foram um estreitar de amizades.

Uma presença da Obra.

Um não à violência e ao egoísmo de tantos.

Um sim ao amor e compreensão entre todos.

Também comunhão com os rapazes casados que vieram com esposas e filhos.

Nossas Casas de Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto! A mesma mensagem — o mesmo calor dos amigos a envolver-nos em carinho e alegria.

2 A onda de violência em tantos lugares da Terra traz dor e angústia aos corações.

Como recorde aquela manhã de sol, naquela cidade! Vi um ajuntamento e parei julgando que seria um desastre. Não. Era um velho de farta cabeleira branca. Safa numa igreja (a um passo por minuto!), onde tinha assistido à Missa por alma de seu filho, que tinha sido espancado até à morte por um grupo político. Era um rapaz bom... só com ideias diferentes. Nunca mais esquecerei o gesto eloquente de protesto daquele pai carregado de dor! A sua casa ficava a uns 120 metros da igreja. Demorou duas horas. Seu vulto branco, no centro dos olhares! — caminhando... Caminhando.

Porquê?

Há dias recebi uma carta a pedir-me que por amor de Deus lhe cortasse o nosso jornal de que tanto gostava, mas que gerava um inferno em Casa, pois o marido não podia ver o nome de padre.

Porquê?

Democracia não é ódio. Só quando convivemos em amor e respeito mútuos.

3 O gosto e o gesto dos Países ricos, ao mandarem alimentos para os Países pobres, dos quais não conhecem a vida e os costumes, ficam vãos. Vi populações com fome dizerem não às papas vitaminadas e farinhas de soja, que os porcos e vacas acabaram por comer.

Dar o que nos sobra, nem sempre é ajuda. É ajuda, sim, dar aquilo que o Outro precisa — e quando se faz sem ferir a personalidade do que recebe.

Além disso, os barcos de alimentos e fardos de roupa usada... podem ser um alívio momentâneo, mas não resolvem os problemas essenciais, que são mais profundos e urgentes.

As nações desenvolvidas, bem como todas as organizações para a fome no mundo, devem olhar, prioritariamente, a urgência de promoção — para que esses povos sejam capazes de arrancar às suas potencialidades o alimento, o vestuário e o conforto. E logo, à criação duma ordem justa.

Ora, causa pena ver essas mesmas nações de olhar cravado no cobalto e no petróleo — e, nas mãos, armas e missangas para a troca, enquanto milhões de seres humanos passam fome. Igualmente as grandes companhias multinacionais egoístas e ávidas de lucros... nem sequer se apercebem da fome dos povos a quem impingem doses maciças de pepsicola, detergentes, motores e filmes estúpidos.

Porém, na frase de D. Helder da Câmara: «Não é tanto a falta de pão o que aflige a Humanidade, mas a explosão de egoísmo em todos os cantos do mundo».

Assim é. O egoísmo é parede que nos impede de ver os Outros, de os sentir perto e, em nós, os nossos erros. Ele o maior causador da violência.

O arquitecto das Favelas e bairros de lata.

A fonte dos farrapos humanos das revoluções.

O que rouba o pão e a paz.

Padre Telmo

FESTAS

ZONA CENTRO

JUNHO

5, às 21.30 h — Cine-Teatro Império - LOUSÁ

6 " " " — Teatro de ANADIA

13 " " " — Cine-Teatro Messias MEALHADA



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa